



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

**ENSINO DE LITERATURA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DO
TRABALHO COM MULHER E SOCIEDADE, CONTOS E CURTAS NO
ENSINO MÉDIO**

ANA PAULA CLEMENTE DOS SANTOS

Campina Grande – PB

2012

ANA PAULA CLEMENTE DOS SANTOS

**ENSINO DE LITERATURA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DO
TRABALHO COM MULHER E SOCIEDADE, CONTOS E CURTAS NO
ENSINO MÉDIO**

**Trabalho apresentado ao componente curricular
Trabalho Acadêmico Orientado, como requisito
para a conclusão do curso de licenciatura em
Letras, na Universidade Estadual da Paraíba, na
área de Língua Portuguesa.**

Orientadora: Prof^a Ms^a Andreia Bezerra de Lima.

Campina Grande – PB

2012.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –
UEPB

S732e

Santos, Ana Paula Clemente dos.

Ensino de literatura [manuscrito]: reflexões e possibilidades do trabalho com mulher e sociedade, contos e curtas no ensino médio / Ana Paula Clemente dos Santos. – 2012.

41f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Andreia Bezerra de Lima , Departamento de Letras”.

1. Línguas 2. Ensino de Línguas 3. Ensino de Literatura 4. Ensino Médio I. Título.

21. ed. CDD 400

ANA PAULA CLEMENTE DOS SANTOS

ENSINO DE LITERATURA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DO
TRABALHO COM MULHER E SOCIEDADE, CONTOS E CURTAS NO
ENSINO MÉDIO

Aprovada em 10 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Andreia Bezerra de Lima Nota: 9,0
Profª. Ms. Andreia Bezerra de Lima (UEPB)
(Orientadora)

Kalina Naro Guimarães Nota: 9,0
Profª. Drª. Kalina Naro (UEPB)

Rosângela Queiroz Nota: 9,0
Profª. Drª. Rosângela Queiroz (UEPB)

Média: 9,0

*Dedico este trabalho aos meus pais:
Sra. Ângela Maria Clemente dos Santos e
Sr. Inácio Clemente dos Santos (in memoriam)*

E a todas as mulheres que buscam se dizer.

AGRADECIMENTOS

Desde o início da construção desta pesquisa na forma escrita, finquei em meus pensamentos que esta parte, *os agradecimentos*, seria a última confecção, a última escrita que se juntaria ao todo, seria o final de uma longa, árdua e bela jornada... e escrevê-la, neste instante, é sinal concreto que deu tudo certo, na verdade, é uma alegria íntima por saber que apesar de, estou/estamos aqui. Por isso, faço destas palavras que se seguem um singelo ritual para honrar a presença daqueles que me ajudaram, seja de forma direta ou indireta, a fechar este ciclo e a concluir este trabalho.

Em sinal de amor e de muita admiração agradeço inicialmente à minha mãe Ângela Maria Clemente dos Santos, pelo apoio incondicional durante todas as minhas jornadas, pela forma que me fez acreditar que eu poderia chegar onde meu coração escolhesse, onde minha alegria habitasse. És a flor mais bela do meu jardim! E, são a ti que dedico meus mais doces dias de conquistas, meus mais alegres devaneios de menina que se senti protegida sob teu olhar! Obrigada, mainha!

Ao meu irmão João Paulo Clemente dos Santos, que mesmo não entendendo muito minha escolha acadêmica, me motivou desde o início de tudo, há muito e muito tempo, enquanto jogávamos *buraco* e prevíamos um futuro brilhante e intenso para nós; obrigada por me revelar que somos eternas crianças-felizes, me mostras e comprovas isso com sua alegria simples e seu sorriso verdadeiro que me faz acreditar na *infinitude* das coisas e afins. Obrigada, Palinho!

Ao meu Nobre companheiro e Amor João Carlos de Oliveira Luna, pela presença iluminada em minha vida. Pelos sorrisos, olhares e gestos que chegam até mim como Força para que eu possa continuar dando passos largos e sempre adiante. Para ti, meu amado, é muito difícil materializar em palavras meus mais nobres sentimentos e agradecimentos. Enfim... Essa conquista é nossa! Obrigada por tudo, João!

À D. Iracema Barbosa Luna, mulher de presença bela na minha vida. Obrigada pela paciência e sabedoria, pelas palavras que me incentivaram a buscar sempre o simples e o verdadeiro; pelos olhares de carinho que acompanharam meu crescimento.

À Janaina Romão e à Thallita Gonçalves, sem vocês, minhas flores, esta jornada escrita nunca teria começado, nunca teria se materializado em pensamentos, palavras, ideias, vivências! Lembro com carinho de todas as batalhas acadêmicas e conseguimos superar juntas... Afinal, quando desejamos algo com sinceridade e confiança, inevitavelmente, ela se realizará. Obrigada pela amizade e disponibilidade de cada uma.

Agradeço, de forma mais que especial, à minha orientadora Andreia Bezerra de Lima, pela dedicação, companheirismo e paciência no decorrer desta pesquisa. Sabemos como é difícil escrever/ler/pensar/viver, mas, também sabemos que não é impossível, rs! Obrigada pela força e conhecimento compartilhado.

Às atenciosas colaboradoras acadêmicas Kalina Naro, por seu conhecimento lúcido acerca da temática de *gênero* - suas aulas de *Literatura e Estudo de Gênero* foram fontes inesgotáveis de inspiração. E Rosângela Queiroz, pelas conversas e orientações (acadêmicas ou não) à base de café, muita diversão e conhecimentos afins. Obrigada!

Aos amigos e amigas que adornaram esta vivência, agradeço com zelo e atenção: Janaina (Morena), pelas danças e andanças que nos fizeram crescer, sorrir e voar; Thalita (Tha), pela serenidade na voz em todas as vezes que cantarolava “vai dar certo é claro que dará certo!”; Lúcio (Figulantra), por todos os momentos compartilhados nas salas de aula e nos recôncavos do velho e bom CEDUCÃO; Marcel (Mar’Céu), amigo desde que me entendo por gente, ah, obrigada por permanecer na minha vida, pelos cantos e cânticos da verdadeira amizade; Jáder (Maçans), pelos cigarros and cafés que deixavam as noites de tensão com ares alegres e divertidos; Carlos Magno, pelas conversas sobre o mundo acadêmico que tanto me tranquilizaram e me motivaram a chegar até aqui. (Salutre!); Glauber, que apesar de, me alertou que o rumo é a transcendentalidade na escrita e na vida; Deborah (Debras), pelas vivências e conversas que me mostraram que o ato de ensinar deve ser feito de coração aberto e de mente livre; Alberto (cumpadi), pelos momentos de descontração, pelas conversas lúcidas acerca de tantos temas e afins; Andreia, pela força e leveza que me acalantaram em tantas circunstâncias; Cleriston, nerd mais sacado que já conheci, obrigada pelas leituras transversais que coloriram meu dias; Sara (Sarita), pelos devaneios que só as arianas que dançam no fogo seriam capazes de entender; Rosângela (Roza), pelas palavras sábias, sejam acadêmicas ou não, nosso (re)encontro foi mágico. Teu canto é Luz, minha Senhora!

Agradeço, intimamente, ao meu filho canino de doce nome Oliver... Criaturinha que traz para os meus dias uma alegria e uma vivacidade que me põem a pensar que, apesar de, somos sim todos iguais. Basta olhar nos olhos com sinceridade e amor!

Não poderia deixar de agradecer, de forma alguma, às queridas leitoras étlicas: Shirley (Clarice), Monalisa (Morgana), Simone (Rapunzel), Lígia (Lilith). Nosso Club do Livro muito me motivou e entusiasmou nos últimos dias desta pesquisa. Uma

cervejinha gelada, um cigarro aceso, ideias borbulhantes, livros abertos e fechados e a certeza que somos Mulheres do Nosso Reino, ah, não me deixavam ter espaço para nenhuma insegurança de frente a esta conquista. Ian! Salutre!

Agradeço, com muita atenção, aos alunos-colaboradores, funcionários e professores da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídeo de Almeida (PRATA), pela disponibilidade sem a qual este projeto jamais teria nascido.

Registro também meu agradecimento à D. Wilza, pelo café nosso de cada dia. À Elza, pela amabilidade com a qual servia os lanches, pelos “bons dias”, “boas tardes” e “boas noites”. À Wellington, pela dedicação, educação e profissionalismo em cada xerox solicitada.

Por fim, agradeço aos elementos mágicos e indizíveis da natureza... Aqueles que nunca me deixaram desistir, nunca me deixaram na solidão, nunca me negaram uma graça! Eles e Elas, de além e aquém, *Flores Imaginárias* para concretizar meu mais doce: Obrigada! Que assim seja!

Admirável espírito dos moços,
a vida te pertence. Os alvoroços,

as iras e entusiasmos que cultivas
são as rosas do tempo, inquietas, vivas.

Erra e procura e sofre e indaga e ama,
que nas cinzas do amor perdura a flama.

(As Rosas do Tempo, Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O que impulsionou, inicialmente, a pesquisa aqui exposta, foi o contato com o componente curricular *Estágio Supervisionado IV*, referente ao curso de Letras com habilitação em língua portuguesa. Nesta disciplina foi consentida ao alunado a possibilidade de elaborar um *Projeto de Língua e Literatura* e, logo em seguida, colocá-lo em prática em alguma escola estadual da cidade. O objetivo de tal experiência foi buscar a interação entre o estudo de língua e literatura contextualizada numa temática que proporcionasse uma reflexão crítica e pertinente para os dias atuais. Por tanto, esta pesquisa pretende refletir sobre a prática de ensino, inseridas no ensino médio, apoiadas no seguinte *tripé* de gêneros: gênero literário (conto), gênero cinematográfico (curta-metragem) e gênero social (mulher).

Palavras-chave: Ensino de literatura; Contos; Gênero; Mulher.

ABSTRACT

What spurred initially the research outlined here, was the contact with the curricular component *Estágio Supervisionado IV*, referring to the course of *Letras* with specialization in portuguese. This subject was consented to the pupils the possibility of preparing a Draft Language and Literature and then immediately put it into practice in any state school in the city. The purpose of this experiment was to find the interaction between the study of language and literature contextualized in a theme that would provide a critical reflection and relevant for today. Therefore, this research intends to discuss possible teaching practices, inserted in middle school, tripod supported in the following genres: literary genre (short story), film genre (short film) social and gender (female).

Keywords: Teaching literature, short story, gender, woman.

1. INTRODUÇÃO

O Estágio de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), que visa garantir a oportunidade aos graduandos de vivenciarem a experiência no espaço escolar durante o período da sua formação e descobrirem suas dificuldades e habilidades, bem como aperfeiçoar sua prática no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Observamos no decorrer do curso de *Licenciatura em Letras*, na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - que o estágio surge como processo fundamental na formação do licenciado, pois, é a forma de fazer a transição de aluno para professor, este é o momento da formação em que o graduando pode vivenciar experiências palpáveis, conhecendo melhor sua área de atuação. Ainda refletindo sobre a importância deste momento prático em sala de aula, observamos as palavras mencionadas por Guerra (1995) quando esta afirma que o estágio supervisionado consiste na junção da teoria, que é estudada na academia, com a prática, que é vivenciada em sala de aula, tendo como foco a busca constante da realidade na qual o professor/estagiário está inserido.

O presente trabalho visa, justamente, refletir sobre esta intervenção educacional que possibilita ao estagiário a oportunidade concreta de realizar seu trabalho de professor, de mediador do conhecimento. Assim como, discutir possíveis práticas de ensino focadas na literatura e na língua materna. Nesta pesquisa, nos voltamos para tal intervenção vista no contexto escolar do ensino médio, e também, para o ensino de literatura trabalhada de forma contextualizada.

O que impulsionou, inicialmente, a pesquisa aqui exposta, foi o contato com o componente curricular *Estágio Supervisionado IV*, ministrado pelas professoras Andreia Bezerra de Lima e Iara Francisca Cavalcanti. Nesta disciplina foi consentida ao alunado do curso de Letras a possibilidade de elaborar um *Projeto de Língua e Literatura*¹ e, logo em seguida, colocá-lo em prática em alguma escola estadual da cidade. O objetivo de tal experiência foi buscar a interação entre o estudo de língua e literatura contextualizada numa temática que proporcionasse uma reflexão crítica e pertinente para os dias atuais.

1. Em apêndice A.

Nossa Sequência didática, intitulada “*Mulher e Sociedade: Literatura e cinema revelando as faces do feminino no mundo atual*”² foi colocada em prática numa turma piloto na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídeo de Almeida, localizado no bairro da Prata, com o objetivo de contextualizar e debater, de forma espontânea e prática, a presença da mulher nos âmbitos culturais, familiares, históricos e midiáticos da nossa sociedade. Esse debate partia da leitura de contos pré-selecionados de autoras femininas e brasileiras, como também, a partir da visualização de algumas mídias (fotografia, imagem e curta-metragem).

Durante o período de prática, adquirimos um material tanto físico (interpretações textuais e atividades realizadas pelos alunos; sequência didática, relatório e anotações de planos de aula realizadas por nós estagiárias³), quanto reflexivos (pensamentos e questionamentos apontados tanto pelos alunos quanto por nós estagiárias) que seria capaz de alavancar boas reflexões acerca da temática do *Gênero Feminino* e dos *Gêneros Escrito-visuais* inseridos em sala de aula em turmas de ensino médio.

Diante de tais informações algumas indagações nos surgiram e possibilitaram a feitura deste trabalho, tais como: Qual a importância da literatura no ensino médio? Como contextualizar o estudo literário? Como motivar o alunado nas leituras? Como fazer uma ponte entre “literatura” e “sociedade? Bem, foram estas e outras questões que nos foram dadas para análise.

O que justifica a elaboração desta pesquisa foi a verificação, durante as aulas do estágio, da participação, frequência e motivação por parte do alunado de frente a um assunto tão atual e cheio de minúcias. Haja vista que as aulas presenciais foram interrompidas por causa de uma greve, e por isso, a continuidade do estágio se deu via internet. A partir da observação desse quadro, veio o desafio de refletir a fundo a importância das discussões relacionando mulher, sociedade e leitura. Entendemos, pois, existir certa carência de planos de aula que foquem a temática do *gênero feminino* no ambiente escolar, particularmente no Ensino Médio, momento que o alunado atravessa a adolescência, fase de descobertas e transformações.

Atravessamos por ora a temática social que escolhemos para nossa sequência, ou seja, a importância de se debater sobre a posição da mulher na sociedade no contexto

2. Em apêndice A.

3. A aplicação desta sequência didática foi ministrada por três estagiárias do curso de Letras: eu, Janaína Romão Xavier e Thallita Oliveira.

escolar, entretanto, nossa atividade em sala de aula também deu foco ao gênero literário, no caso o Conto e, ao gênero cinematográfico, neste caso, o Curta.

Pensamos nesses suportes escritos-visuais por causa do público alvo. Foi uma forma de diversificar os debates, pois, mesmo que o nosso foco fosse à opinião e os argumentos dos alunos, eles teriam uma oportunidade de contemplar produções estéticas visuais e de literatura de autoria feminina, podendo assim, ampliar seus conhecimentos e suas críticas tanto com relação à temática social quanto aos *gêneros* trabalhados.

Logo, nosso principal objetivo, neste presente trabalho, é o de discutir/refletir a prática de ensino-aprendizado voltado para o ensino da literatura, assim como, mostrar uma possível abordagem para a análise da presença feminina nas esferas sociais a partir da leitura de contos e de curtas-metragens com alunos pertencentes ao ensino médio.

Para o êxito de tal jornada acadêmica partimos da realização de uma pesquisa-ação no ambiente escolar. De acordo com Moreira e Caleffe (2006, p. 89), “a pesquisa-ação é uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa interação”. Era precisamente isso que se estava propondo: uma intervenção na qual descobríssemos juntos (alunos-colaboradores, estagiárias e orientadoras do estágio supervisionado IV) os resultados de uma prática no ensino médio, prática esta que foi pensada e escrita no ambiente acadêmico.

Para tanto, nos baseamos para as reflexões aqui expostas em estudiosos como Candido (1989,2004, 2006) e Cosson (2009) para a análise e reflexão do ensino de literatura no ambiente escolar; Cortazar (2006) e Gotlib (2006) para viabilizar o trabalho com o gênero literário conto; Scott (1996) e Colling (2004) para proporcionar uma visão contextualizada acerca do gênero feminino presente na história e no imaginário social.

Este trabalho, mesmo se voltando para o ensino e debate de alguns gêneros, tem suas raízes fincadas na prática de leitura, escrita e debates orais voltadas para a literatura e sociedade. Pois, pensamos na leitura como um *bem social* capaz de intervir nas construções críticas dos sujeitos que nela atuam. Partindo da realidade sócio-cultural dos educandos e relacionando-os ao processo de ensino e aprendizagem. Verificamos ser necessário repensarmos na educação como formação do conhecimento, como ferramenta indispensável para a construção de uma cidadania, e não apenas como produto de informação descontextualizado perante a realidade.

Partindo desta premissa, consideramos imprescindível elaborar este tipo de intervenção em turmas de ensino médio, com a intenção de formarmos sujeitos do

conhecimento, despertando nos alunos o prazer pela leitura e a conscientização necessária para interpretá-la de acordo com seu tempo e espaço.

Neste contexto, queremos evidenciar o quanto a leitura literária deve ser uma atividade cotidiana na vida de quem se dispõe a adquirir um conhecimento e, também, como ela, a leitura, pode ser uma forma de poder numa sociedade repleta de símbolos e interpretações. A obra literária abre as portas para um leitor que tem o direito de construir sua visão de mundo, como também, revisar seus conceitos e seu papel social de frente a sua realidade. Nas palavras de Antonio Candido (2006, p. 84):

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo essencial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Com base nessa assertiva, defendemos a inserção do texto literário em sala de aula como forma de emancipar o leitor. Ou seja, possibilitar ao aluno o contato com a obra literária e guiá-lo na compreensão dos significados e ideologias presentes na leitura/literatura, de forma contextualizada e pertencente ao seu *tempo* e *espaço* social; e não apenas como repetição do que já vem pensado no material didático sobre as obras literárias, por exemplo, e, por isso, cabe-nos defender também a prática do ensino de literatura em sala de aula a partir da participação ativa dos alunos, reconhecendo-os, já no espaço escolar, como agentes da história.

2. ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA.

A construção das habilidades de leitura, escrita e oralidade talvez seja o principal objetivo a ser alcançado pelo trabalho com o ensino de língua materna. As aulas de Língua Portuguesa, durante muitos anos, caracterizaram-se pelo estudo incessante da gramática dissociada do texto, tornando assim, as aulas enfadonhas e sem uma finalidade aparente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, desde o final dos anos 90, proclamam a necessidade de voltar o estudo de língua portuguesa para o texto e,

sobretudo, textos atuais e circulantes na sociedade, de modo a promover ao aluno um contato maior com a leitura contextualizada.

Temos em vista que, atualmente, saber ler e escrever de forma mecânica – aspectos de uma *alfabetização* - não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos e informações que circulam na sociedade, torna-se necessário ir mais além e chegar ao ponto informacional que Magda Soares (2004) aponta, ou seja, ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno – aspectos que autora define como *Letramento*.

Magda Soares, em seu livro “*Letramento: um tema em três gêneros*” (2004) discute esse conceito com o objetivo de esclarecer o significado desta concepção de ensino e aprendizagem. Observamos a interpretação da autora para um tipo de *Letramento* que seja capaz de alterar/construir/desenvolver as condições cognitivas do alunado – aquisição de habilidades que envolvem as práticas cognitivas, políticas e sociais associadas ao ato da leitura e da escrita –. A dimensão individual do letramento se refere justamente a estas habilidades. Deste modo, Soares (2004, p. 39) faz uma observação importante ao afirmar que “Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever”.

Em se tratando das aulas de Língua Portuguesa, toda essa complexidade (leitura, escrita, oralidade, linguística e literatura) se torna mais enfática, quando pensamos numa forma de equilibrar todos estes requisitos. Ou seja, não só “valorizar” uma gramática de frente a uma literatura, como também, não só trabalhar a literatura como “suporte” para ilustrar as ditas *Escolas Literárias*. É comum que alguns professores da área sintam-se “perdidos” na hora de trabalhar, com equilíbrio, textos literários e não-literários, seguindo um cronograma recheado de regras gramaticais.

Em função do desejo e afirmação de uma educação pragmática, a literatura muitas vezes tem seu espaço reduzido nas aulas de português. Entendendo que a literatura não pode ser desvinculada de um projeto social e cultural da sociedade, seu lugar na escola deveria ter mais abrangência e na aula de língua portuguesa deveria ter seu espaço garantido. Como aponta Lima (2009, p. 65) “A especificidade da linguagem literária pressupõe uma abordagem, em sala de aula, que encante, sensibilize e encontre os anseios do leitor, a quem a obra se destina.”

Nesse sentido, pensamos na prática de estágio vinculada ao ensino médio como uma ponte entre teoria e prática, ou seja, trabalhar com o gênero literário (conto), visual (curtas) e social (mulher) como forma de impulsionar a leitura literária contextualizada,

e conseqüentemente, com a construção de uma crítica com base informacional adequada, do alunado inscrito no projeto. Essa tríade de *gêneros* nos possibilitou uma intervenção educacional e informativa para os alunos do ensino médio.

À priori, selecionamos três contos de autoria feminina: “*O primeiro beijo*”, de Clarice Lispector, “*As Cerejas*”, de Lygia Fagundes Telles e “*O Pai*”, de Helena Parente Cunha. Um texto informativo: “*Por quê discutir gênero*”, de Alessandra Terrible. E sete curtas-metragens⁴: “*Anna e Bella*”, “*Maria Flor*”, “*Clocktower*”, “*A invenção do amor*”, “*3 minutos*”, “*Cartão Vermelho*” e “*Desventuras de um dia...*”⁵.

Antes da exposição dos elementos do nosso projeto, acreditamos ser adequado fazer uma reflexão social da educação no contexto de sala de aula que vislumbramos durante o período de estágio.

Entendemos a sala de aula com sendo uma extensão da nossa sociedade na qual a aquisição do conhecimento pode e deve ser adquirida de maneira funcional e adequada a realidade vivida por cada aluno, por cada sujeito social. Apesar das profundas diferenças que separam os indivíduos, dependendo de sua posição social, intelectual e cultural, existe entre eles um ponto de encontro: a educação. A educação constitui um processo de transmissão cultural no sentido amplo do termo (valores, normas, atitudes, experiências, imagens, representações). Fazemos nossas as palavras de Aguiar e Bordini (1993, p. 10):

O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro.

As estudiosas citadas abordam a questão do *Método Receptional*, ou seja, lançam na teoria a valorização do leitor como parte do processo de produção das obras, o *leitor* passa a ser encarado como *co-autor*, uma vez que vem dele a possibilidade real de interpretação e de constituição do significado dos mais diversos textos. O autor, neste

4. Todos disponíveis no YouTube.

5. Infelizmente não tivemos a oportunidade de trabalhar nossa sequência didática na íntegra. Isso ocorreu devido uma greve que tomou mais da metade do nosso período de estágio. Mas, mesmo com este desvio de caminho a importância de tal intervenção não perdeu seu espaço em nossos estudos e pesquisas.

caso, fornece índices para que o leitor possa desenvolver bem o seu papel, mas não apresenta nenhuma resposta pronta. É através das experiências do leitor, estimulada pelo próprio texto e mediada pelo professor que o efeito da obra se fará completo, dando-lhe condições de atribuir sentido ao que lê; daí a leitura apresentar-se como uma *relação dialógica*.

Desse modo, fundem-se os *horizontes* trazidos pela obra e os *horizontes* trazidos pelo leitor, efetivando-se, assim, a concretização da obra ou dos sentidos dela, já que o sentido do texto é construído pela consciência imaginativa do leitor que é quem pode atualizá-lo; todavia, não se pode pensar que o leitor é livre para imaginar qualquer coisa.

Em resumo, longe de a educação ter por objeto único e principal o indivíduo e seus interesses, ela é antes de tudo o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência e de seus valores. Dessa forma, verifica-se a importância da leitura, principalmente, para as classes sociais menos privilegiadas que, muitas vezes, não têm fácil acesso aos bens culturais como livros e revistas de qualidade. Historicamente a leitura tem sido privilégio das classes dominantes e a “sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais” (SOARES, 1995, p.48).

Desta forma, pensamos numa contrapartida social embutida na nossa sequência didática intitulada, “*Mulher e Sociedade: Literatura e cinema revelando as faces do feminino no mundo atual*”. Como dito anteriormente, a proposta tem como base a discussão sobre o papel social da mulher nos tempos atuais, e está base firma-se tanto com o processo de leitura, quanto o processo de oralidade.

2.1. Ensino de literatura e o *Conto*.

A leitura não pode ser entendida meramente como decifrar signos linguísticos ou apenas como recurso de atividades pragmáticas utilizadas, formalmente, no contexto escolar. Faz-se necessário que o objeto lido pelo aluno seja efetivamente compreendido. Principalmente, quando esta leitura ronda as subjetividades de uma literatura.

Durante o percurso trilhado em sala de aula, nos baseamos, para a prática de leitura, nas palavras contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN, 1998, p. 69), quando esta define:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento, sobre o assunto, sobre o autor, sobre tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Embora as metas estipuladas nos PCN sejam claras e abrangentes, na prática em sala de aula, o incentivo à leitura e à compreensão efetiva do objeto lido ainda é um desafio para alunos e professores. Por tanto, entendemos que para a efetivação desta prática seja necessário promover situações de leitura em que o aluno seja motivado e se interesse pelo texto. Por isso, a nossa escolha de *Gênero Literário* se deu através do *Conto*, por se tratar de um gênero *breve e conciso* com possibilidades interpretativas avançadas.

Os estudiosos da teoria do conto dizem que defini-lo não é tarefa fácil, pois envolve uma série de peculiaridades que se esquecidas, prejudicará muito a compreensão deste gênero textual. O escritor e contista Júlio Cortazar (2006), afirma que o conto é um gênero de *difícil definição*, esquivo nos seus *múltiplos e antagônicos aspectos*.

No estudo “*Teoria do conto*”, Nádia Battella Gotlib, nos proporciona uma visão mais ampla sobre as características do conto, neste livro, a autora junta diversas teorias e pesquisas sobre o assunto e apresenta um estudo apurado e exemplificado.

Consideramos o gênero Conto, um forte propulsor para o incentivo à leitura, e isso se justifica por este ser uma narrativa breve, concisa. Nas palavras de Gotlib (2006, p.82) isso acontece porque “cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este jeito de ser economizando meios narrativos”.

O segredo do *conto* está em promover o “sequestro” do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão do conjunto da obra, ou seja, sua efetiva participação na interpretação dos fatos, do todo do enredo narrativo. Neste “sequestro” temporário existe uma *força* de tensão capaz de prender o leitor do início ao fim. O conto centra-se num conflito dramático em que cada gesto, cada olhar, cada e qualquer ação são utilizados pelo narrador com o propósito de motivar a continuidade da leitura. Não lhe falta a construção simétrica de um episódio, num espaço determinado, com personagens certos para tal *tempo e espaço*. Trata-se de um acidente de vida, cercado de um ligeiro antes e depois.

Com poucas palavras e elucidados pela pesquisa de Gotlib (2006), podemos resumir o gênero textual *Conto* como uma narrativa que oferece uma amostra da vida, por meio de um episódio, um flagrante, um momento singular e representativo. Constitui-se de uma história curta, simples, com economia de meios, concentração da ação, do tempo e do espaço. Ou seja, a narrativa é nada mais que isso *ação-tempo-espaço*, portanto o conto é uma história curta, porém com um corpo bem definido com tais traços que possibilita algumas interpretações dependendo do contexto de exposição.

É justamente nesta “condensação de recursos narrativos” que encontramos a forma adequada de trabalho. Sim, como falado no início desta escrita, nosso maior objetivo, dentro da sala de aula, foi trabalhar com a opinião do alunado, ou seja, nossas aulas eram mediadas de forma a deixá-los à vontade para se expressarem, falarem, opinarem; desta forma, a *brevidade* do conto nos deixou com tempo para também trabalhar esses requisitos que estão voltados para a oralidade.

Tivemos a preocupação com relação à escolha dos contos, afinal, uma das bases mais significativas do nosso projeto se deu para o debate de *gênero*, no caso, queríamos levar para os alunos contos que expusessem *traços simbólicos*⁶ da mulher vista em/na sociedade. Para isso, havendo a leitura do conto, logo em seguida, partíamos para a discussão acerca do material lido, pois, “um conto é curto porque, mesmo tendo uma ação longa a mostrar, sua ação é melhor mostrada numa forma contraída” (NORMAN FRIEDMAN *apud* GOTLIB, 2006, p. 64).

Completando esta reflexão, compreendemos que o conto é uma ação cheia de entrelinhas a serem desvendadas pelo leitor, e no caso do projeto didático, esse “desvendamento” se deu de forma coletiva, onde cada integrante do projeto poderia expor sua opinião com relação ao material lido.

Vale-se destacar que a participação oral foi uma habilidade bastante trabalhada durante a aplicação da sequência didática. O objetivo desse enfoque é justamente garantir o aprimoramento dessa competência linguística do aluno, ou seja, que ele saiba se comunicar adequadamente nas diferentes situações comunicacionais, como nos mostra a leitura vista em (PCN, 1998, p. 67):

Ensinar a língua oral significa para a escola possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formalizadas e convencionais, que exijam

6. Infelizmente, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de autoridade, poder, dominação entre homens e mulheres, gerando preconceito e discriminação que, quando não abordadas na escola, podem continuar fazendo parte de nossos valores.

controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

Desta forma, amarramos nossos objetivos, haja vista que a brevidade do conto *abre espaço* para o aprimoramento da oralidade, seja para prolongar o texto, ou até mesmo, como fonte de interpretação associada à vida real. Neste conjunto de práticas que ora rondam a leitura, ora a oralidade, destacamos para o alunado a importância de saber se comunicar em coletivo, impulsionamos o desafio de *saber falar e saber ouvir*.

Quando falamos em “abertura” para interpretação literária do *Conto*, não podemos deixar escapar a contribuição de Júlio Cortázar para este gênero literário. Para Cortázar falar do conto é um ato muito significativo porque é um gênero que tem uma importância e uma vitalidade que crescem dia a dia. Muitos, para entender o caráter peculiar do conto, costumam compará-lo com o romance que é aberto, mas o conto por sua vez, parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico, não podendo ultrapassar certa quantidade de páginas. O tempo e o espaço do conto têm de estar como que *condensados*, submetidos a uma *alta pressão espiritual e formal* para provocar no leitor uma espécie de “abertura” que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento literário contido no conto.

Para melhor esclarecer, ele revela “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (CORTÁZAR, 2006, p. 153).

O que nos é pontual neste estudo é mostrar que o conto tem seu valor enquanto texto literário, assim como seu espaço entre os outros gêneros, que por sua vez, podem ser maiores e mais “complexos” no que se refere a estrutura narrativa, entretanto, nunca mais ou menos importantes que esta estrutura curta de narração.

Como expomos, o conto é um gênero inserido nesta arte que designamos *literatura*. Buscamos na literatura um alicerce artístico para debater em sala de aula as relações de gênero na sociedade atual. Vimos nesta prática uma forma de atuar junto à literatura, no campo educacional, com aquilo que Rildo Cosson (2006) denominou de *Letramento Literário*, que corresponde “ao processo de letramento que se faz via textos literários [e] compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (COSSON, 2006, p. 12).

Compreendemos, pois, que é através do contato com a literatura que o aluno irá se descobrir como leitor. O professor, juntamente com o alunado, deve explorar o máximo do texto literário disponível a fim de que o contato entre eles seja uma busca plena de sentidos. Conforme Cosson (2006, p. 30):

É justamente para ir além da leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

O letramento literário é, pois, fundamental para a constituição do leitor, como também para a formação do ser e, conseqüentemente, de todos que estão inseridos nesse processo de aprendizagem. O autor, no trecho acima, afirma que a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor. Enfatiza-se aqui o papel da literatura não como pretexto para alfabetizar, mas como instrumental para formar culturalmente o ser que nela se integra.

A literatura, seja em quaisquer de suas modalidades, refere-se entre outros aspectos, a textos que mantêm uma relação especial com o mundo. Quando o texto impõe-se como arte e rompe as fronteiras das normas tradicionais, volta-se para a função formadora que é inerente a toda obra de arte literária, realizando o que o crítico Antonio Candido (1989, p.117) denomina de humanização:

(...) processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrarmos nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Antonio Candido (2004, p. 176) define a literatura como um bem incompressível a que todos têm direito e, por isso, defende a sua inclusão nos direitos humanos. Ele argumenta ainda que:

(...) há um conflito entre a idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

A literatura é, portanto, uma forma de entrar no mundo social e historicamente construído através da palavra que expressa pensamentos, sentimentos, ideias, imaginação e realidade. Ela revela os conceitos de uma determinada época, assim como a tentativa de superação daquele momento histórico. Da mesma forma, é arte, pois leva o indivíduo além da assimilação de informações, potencializa a criatividade, num jogo de palavras que libera/liberta a fantasia, a crítica, o prazer.

Para finalizar, acrescentamos que através da relação com o real, a literatura passa a exercer outra função – a função formativa. Pelo discurso artístico, o homem passa a ter consciência de si e da realidade que o cerca e, assim, a arte literária assume sua função social, já que uma nova visão do homem e do mundo vem acompanhada de possibilidades de mudança.

2.2. Contos e curtas: reflexões relacionadas à intervenção⁷

Somos seres integrantes de uma sociedade que, cada vez mais, assume as características efêmeras de tempo e de espaço rodeados de uma “tecnologia” de última geração. Neste mundo globalizado em que tudo é passageiro onde as inovações tecnológicas atraem o olhar atento dos mais jovens, o professor precisa introduzir seus alunos no universo mágico da literatura de forma criativa e prazerosa, para que, no futuro, eles possam alcançar vãos maiores.

Uma forma bastante interessante, a nosso ver, seria a apresentação de uma literatura vista de modo contextualizado de acordo com o tempo e espaço habitado pelo leitor/aluno. Dessa forma, a leitura literária permite aos leitores conhecer – ou reconhecer – aspectos sociais, culturais e econômicos do contexto lido, possibilitando fazer uma ponte com o contexto vivido. Conforme nos sugeri Bordini e Aguiar (1993, p. 15):

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe

7. Neste tópico buscamos justificar a escolha pelo gênero cinematográfico *curta-metragem* e realçar a escolha do gênero literário *conto*.

experimentar na realidade. É por essa característica que tem sido acusada, ao longo dos tempos, de alienante, escapista e corruptora, mas é também graças a ela que a obra literária captura o seu leitor e o prende a si mesmo por ampliar suas fronteiras existenciais sem oferecer os riscos da aventura real.

Nessa perspectiva, o texto literário possibilita ao leitor vivenciar contextos diferentes do seu, reconstruídos, nesse caso, pela palavra e pela ilustração. Essas experiências ampliam a compreensão do mundo, do outro e de si mesmo, ou seja, geram não só conhecimento, mas autoconhecimento.

Para que a obra literária possa capturar o leitor, é necessário que este seja apresentado a ela de forma adequada. Como dito anteriormente, nossa escolha para o gênero literário *conto*, se deu por percebermos que este texto curto podia propiciar uma leitura mais rápida e um debate mais abrangente. Dentre os gêneros ficcionais, o conto se constitui em uma narrativa cujo enredo gira em torno de um único evento. Na trama, os fatos, personagens, ação se encaminham sem delongas para um desfecho. Assim, “o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra”. (BOSI, 1975, p.8).

A ausência de detalhes favorece a construção de um enredo em que cada palavra exprime com exatidão seu potencial. O mesmo “enredo” acontece com o gênero *Curta-metragem*, só que com este, não utilizamos a o conceito de “palavras”, mas sim, de “imagem”. Tal comparação entre estes gêneros se dá pela questão de *brevidade*, haja vista que tanto o *conto* quanto o *curta* surgem para seu leitor/espectador de forma condensada; como ressaltamos anteriormente, tal brevidade em sala de aula soma pontos positivos para o professor que queira trabalhar a oralidade dos alunos, pois, o que “falta” nos gêneros sobra na interpretação.

Com relação a utilização de tal gênero cinematográfico dentro das salas de aula, concordamos com a reflexão de Solange Munhoz⁸, quando esta compartilha:

(...) a utilização do curta-metragem na sala de aula deve transcender o aspecto de entretenimento e da exploração objetiva das questões sociais, econômicas, políticas e/ou culturais. Acreditamos que seu uso adequado contribui para a formação de espectadores críticos, capazes de entender que sob os códigos da linguagem visual reside um processo de construção de sentidos nem sempre fácil de ser interpretado. Aprender sobre o discurso cinematográfico é também

8. Acesso em http://www.fatecindaiatuba.edu.br/reverte_online/6aedicao/Artigo11.pdf

aprender sobre os discursos subjacentes às expressões artísticas visuais e às imagens com que nos bombardeiam diariamente e que caracterizam nossa sociedade contemporânea.

Trabalhar com literatura e com o cinema exige do professor atuante uma dose de sensibilidade artística. Observar os detalhes, as figuras de linguagem, os efeitos sonoros, a música, a fotografia e etc. Observar, detalhadamente, a composição de tal conto e/ou de tal curta é uma atividade que requer atenção e interpretação aguçada. É importante transmitir para o alunado que a linguagem não-verbal é bastante significativa para a interpretação de vídeos.

Em nossa sequência didática sugerimos o trabalho com três contos de autoria feminina e de sete curtas que versam sobre as várias nuances que rondam o feminino e a feminilidade. Durante a escolha de cada item pensamos no valor discursivo pra a sala de aula... Ou seja, não buscamos, em nenhum momento, “enaltecer” o gênero feminino de frente ao masculino, pelo contrário, em cada material, em cada aula compartilhada, fornecemos debates que sugerem a igualdade entre os gêneros, igualdade esta que parte desde o respeito até conscientização da importância de cada Ser Humano.

2.3. Uma questão de gênero no ambiente escola

Objetivamos trabalhar com esta temática central por entendermos que estamos num dado tempo e espaço onde as relações entre os gêneros, como também as desigualdades existentes entre eles, estão sendo bastante discutidas. Seja no ambiente acadêmico, nas revistas *teens*, na escola, nas novelas, nas leis, nos jornais... Enfim, está na *boca do povo*! Inclusive, este dado muito nos anima, afinal, desta forma caminhamos a passos largos para a construção de um debate no qual o maior objetivo a ser alcançado seja a construção de concepções que possibilitem a igualdade entre os sujeitos, independente de classe, cor, gênero, orientação sexual e etc.

Para efetivamente darmos conta dessas concepções de igualdade compreendemos ser necessário usufruir das instituições que lidam com o saber, a começar, pela escola. Local este onde encontramos sujeitos em formação cognitiva, social, comportamental, ou seja, uma ótima possibilidade de contornar alguns desastres históricos que se baseiam da injustiça e desigualdade social, principalmente, nos tópicos que norteiam a questão de gênero.

Segundo Ana Maria Colling (2004, p. 58), é na escola que devemos construir a igualdade entre os gêneros. A autora menciona com lucidez:

No campo da educação a problemática de gênero não se reduz às questões de acesso ao ensino nem ao desempenho escolar, batalhas que já foram travadas e estão sendo superadas. A questão mais séria é que a história da desigualdade entre os sexos, marcadas pelos discursos que foram considerados verdadeiros mediante relações de saber e de poder, sempre foi aceita sem indignações pela escola. Por outro lado, é lá, na escola, que poderá ser construída a equidade de gênero e de relações sociais mais igualitárias.

Concordamos com a primeira reflexão exposta pela autora quando esta afirma que a questão de acessibilidade para o gênero feminino já está sendo superada, haja vista que, neste curso piloto que aplicamos, dos 30 inscritos, 26 eram mulheres.

Dado este que muito nos motivou para consolidar a importância de tal intervenção. Como também, nos fez refletir sobre o interesse, por parte do alunado, de se estudar um assunto tal atual e cheio de pormenores. Percebemos que enquanto divulgávamos o curso, muitos alunos (homens) se referiam à temática como sendo “coisa de mulherzinha”. O que só fez afirmar a necessidade de se trabalhar com este eixo temático, com o fim de quebrar certos paradigmas e preconceitos que tomamos, hoje, como inválidos.

Outro dado bastante curioso para nós foi a observação da “falta de conhecimento⁹”, por parte do alunado, com relação aos estudos que envolvem os *gêneros* (seja homem ou mulher). Muitos, à priori, pensavam que durante as aulas iriam ouvir discursos “feministas”, “radicais”; inclusive, logo na primeira aula, uma das alunas chegou a falar “é isso mesmo, o mundo agora é das mulheres e os homens devem é calar a boca!”.

De qualquer forma, já esperávamos por isso, afinal, por mais que estivéssemos lidando com jovens (entre 16 e 19 anos), muitos ainda sem base instrucional adequada; para eles as histórias de injustiças cometidas ao longo da trajetória humana com relação à mulher estavam vivas na memória. Seja pela história da mãe, da tia, da avó, da vizinha, enfim, praticamente todos os inscritos manifestaram alguma reflexão que, lá no

9. Colocamos esta expressão entre aspas por causa da peculiaridade. Notamos que os alunos inscritos possuíam sim uma crítica relacionada ao tema, mas, tal visão estava carregada de pré-conceitos radicais. Como por exemplo: muitas das alunas queriam ditar “uma vingança”... Um típico caso que o oprimido passa a ser o opressor. Deixamos claro que em nenhum momento alimentamos tal visão, pelo contrário, alimentamos a visão de igualdade.

fundo, simbolizava um *basta* perante as desigualdades de gênero. Por isso, tivemos a cautela de explicar, de forma acessível e clara, o nosso foco de estudo.

Afinal, sabemos que a análise das desigualdades históricas das relações de gênero e o papel da educação neste processo estão profundamente relacionados com a forma de entendimento do conceito *gênero*. Esta palavra foi primeiramente usada por feministas indicando “uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ e ‘diferença sexual’”. Com o passar dos tempos e dos estudos sociais, chega-se a conclusão que as relações entre os sexos auxiliam no entendimento da história que perpassa tanto o sujeito homem, quanto o sujeito mulher. Destarte, a nomenclatura *gênero* passa a simbolizar uma categoria de análise dessa relação entre *masculino e feminino*.

A partir da categoria denominada *gênero* compreendemos que a mulher não é condicionada pela natureza ou biologia ou sexo, e sim, condicionada através de uma construção social-ideológica. Neste ponto, podemos vislumbrar com clareza a celebre frase proferida por Simone de Beauvoir (1975, p. 9) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e ainda completa “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume o seio de uma sociedade.”

Utilizamos, neste percurso, o conceito de gênero formulado por Joan Scott (1990), que o entende como um elemento construtivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica. Ou seja, refere-se a um sistema de relações de poder baseadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens. As relações de gênero (assim como as de classe e raça ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico. Enquanto sexo é determinado pela natureza, pela biologia.

Frisamos uma reflexão importante acerca desta discussão, a que o conceito de gênero é construído historicamente pela sociedade e seus indivíduos, sendo, portanto, variável e mutável. E por isso mesmo, a empolgação de realizar este trabalho em sala de aula do ensino médio, nesta etapa encontramos jovens que, por vezes, repetem “erros”, “inadequações” simplesmente por não conhecerem o outro lado da moeda, não acreditarem que a transformação necessária para uma sociedade mais justa e igualitária possa partir da mudança deles próprios.

Isto significa analisar a interpretação ou “apropriação cultural” que as pessoas fazem das diferenças sexuais e quais as conseqüências disso nos diversos contextos da

vida social: na família, na escola, no trabalho etc. Nesta trama, a categoria gênero é tratada numa dimensão relacional, entendendo e tratando “gênero” como o faz Guacira Lopes Louro (1992, p. 57):

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a idéia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

Fizemos desse “processo de relação” uma base importante para nossos encontros, pois, acreditamos que não exista uma discussão palpável sobre o feminino com a ausência do masculino e vice-versa.

O nosso maior objetivo em levar a discussão de gênero para a sala de aula de ensino médio foi promover reflexões sobre as causas das desigualdades, e que este tem a ver com nosso modo de vida (nosso ponto de vista), uma vez que o nosso comportamento está submetido às normas sociais pré-estabelecidas para homens e mulheres na sociedade.

3. REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA EM SALA DE AULA

Freire (1996, p. 27) leva o educador a refletir sobre a sua prática pedagógica, quando mostra a importância da ética, do prazer em lecionar, do acreditar, da seriedade e da humildade inerente ao “saber-da-competência”. Freire, demonstra-se extremamente preocupado com o ser humano e vê a prática educativa, sobretudo, como humana. “... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. E vai mais além, ao dizer que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Vislumbrando o pensamento do escritor Paulo Freire, aquele que proferiu que “não há educação sem amor”, passamos a entender que essa relação educacional necessita de uma organização, por parte do professor, para que haja uma continuidade

no ato de ensinar/aprender. Por isso, torna-se de extrema necessidade a organização do planejamento de aula e das sequências didáticas, para que se possa entender a linha de raciocínio que aquela turma está seguindo, e por meio desse seguimento que se constrói, dentro da sala de aula, as definições e concepções de ensino.

A realidade educacional brasileira por muitas vezes é capaz de nos surpreender. Pelos caminhos que se acabam tomando. As dificuldades existem, mas é preciso fazer diferente, principalmente, na relação ensino/aprendizado e professor/aluno, pois são nestas relações que a educação se fortificam ou não. E é permeando este raciocínio que nos deparamos com duas concepções de ensino que rondam as salas de aula que são as de caráter *Transmissivo* ou *Construtivo*. Uma tem como meta a memorização dos conhecimentos passados em sala de aula e que em muitas vezes nada se relacionam com as vivências do aluno fora da escola, e infelizmente, é esta realidade que mais comumente encontramos nas metodologias de ensino; a outra tem o intuito de elaborar no alunado uma construção do conhecimento através de situações desafiadoras propostas pela própria escola, o que instiga o aluno a descobrir situações que os auxiliarão, também, em suas vidas sociais.

Foi baseando-se nesta segunda perspectiva que nos propomos a desenvolver, em sala de aula, a sequência didática voltada para o debate da temática “Mulher e Sociedade” com base nos gêneros *contos e curtas-metragens*.

Torna-se relevante ressaltar que, à priori, nosso *corpus* de trabalho envolvia: leitura, escrita e oralidade. Entretanto, não conseguimos efetivar o total destes objetivos por causa de uma greve que se sucedeu em meados de nossa prática em sala de aula. Mesmo assim, relatamos nos parágrafos que seguem a idéia inicial de nossa proposta, para que fique de registro e seja utilizado em experiências vindouras.

Para os encontros em sala de aula foram selecionados dois contos e cinco curtas para serem trabalhados nos 6 primeiros encontros, pois, a produção final deles seria uma *resenha crítica*¹⁰ – gênero este que seria trabalhado e exposto em sala de aula para que o alunado tivesse maior clareza na hora da produção. A proposta da escrita seria para que cada participante da oficina produzisse uma resenha expondo algum dos materiais (contos ou curtas) expondo sua opinião e sendo fiel a estrutura e funcionalidade do gênero textual. A primeira escrita serviria de base palpável para a

10. Como dito anteriormente, nossa sequência didática não foi colocada em prática na íntegra, haja vista o acontecimento de uma greve em meados de nossa prática. Por isso, evidenciamos nesta pesquisa a leitura literária e a oralidade.

definição das maiores dificuldades textuais desses alunos. Usaríamos as próprias produções textuais da turma para auxiliá-los na reescrita, como forma de aperfeiçoamento da estrutura e do conteúdo pensados por eles.

O processo metodológico utilizado acarreta em atividades de *reescrita*. Por entendermos, que o aprendizado se dá de forma contínua e monitorada. Uma reflexão a respeito dos “erros” – seja de ordem morfológica, sintática ou semântica - cometidos pelos alunos pode servir de base para mostrar aos professores a diversidade lingüística de seus alunos e a valorização, sobretudo, dos “acertos”, pois o erro pode ser visto sob a ótica de que há uma reflexão, uma formulação de hipótese por parte do aluno.

Os textos são reescritos e, com a reescrita, provoca-se discussões a respeito do assunto, com o objetivo de explorá-lo ao máximo, em busca de mais informações. Promove-se reflexões sobre o próprio processo de escrever, levando-se em consideração: as complexidades que o envolvem, as exigências da norma padrão, a relação entre fala e escrita.

No final, juntaríamos todas as produções textuais para a elaboração de um blog – instrumento virtual que possibilitaria a divulgação do trabalho realizado. Essa estratégia nos serviria como forma de entusiasmar a turma perante a produção textual, expondo o verdadeiro sentido da escrita, ou seja, a leitura. Fazendo, assim, com que a turma refletisse sobre a veiculação dos seus escritos como forma de pesquisa para outros que estão se iniciando na temática, mostrando, desta forma, o caráter acadêmico da pesquisa que constitui, principalmente, o ato de ler e de escrever, exatamente nesta ordem.

Nesta vivência em sala de aula de ensino médio, nos dispomos de matérias literários e cinematográficos para ilustrar as discussões. Esses recursos, principalmente, os de caráter audiovisual, fazem com que se forme uma ponte com maior facilidade entre aquilo que se aprende “numa gramática” e aquilo que é perceptível no cotidiano do nosso bairro, através de outras linguagens expostas em meios artísticos (como o cinema) fazendo paralelo com o literário. É por “possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2006:17).

Se a literatura é constituída da palavra e tem como veículo a escrita, a sua prática “consiste exatamente numa exploração das potencialidades da linguagem.” (COSSON, 2006:16)

Partindo deste conceito chegamos a concepção de língua que contemplamos neste estágio, a intitulada *Sócio-Interacionista*, que entende a língua como algo produzido/construído socialmente entre sujeitos ativos e inseridos em situações de interação (Koch, 2002). Não se deve artificializar o contato desses indivíduos com sua língua materna. Ao contrário, a escola deve procurar envolver seus alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar.

Realçamos este conceito quando nos deparamos com uma greve no meio do estágio. Ficamos “desesperadas”, afinal, trabalhamos tanto para construir uma sequência didática funcional e atualizada, nos esforçamos para selecionar materiais para, de repente, ter que parar tudo. Não, não paramos. Modificamos as estratégias.

Nos primeiros encontros percebemos que o alunado, em sua totalidade, tinha acesso à internet, utilizamos pois desta ferramenta para dar continuidade (de forma resumida e modificada) ao nosso trabalho. Os resultados não foram como esperávamos, mas, conseguimos manter por um tempo contato com boa parte dos alunos e passar materiais (textos e vídeos) para a efetivação da aprendizagem.

O que nos fica desta experiência é a motivação de levar adiante qualquer projeto educacional que faça a diferença tanto na ambiente escolar quanto para a vida dos alunos que se disponham a aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bem verdade que todas as experiências práticas são válidas no campo da educação, sejam as de caráter positivo ou negativo, direto ou indireto, o que importa é o aprofundamento que o profissional-professor se dispõe a construir e a entender no seu percurso.

Como base nestas informações, evidenciamos que o objetivo desta pesquisa é refletir e acentuar a prática docente, no período chamado de *Estágio Supervisionado*, como sendo uma etapa de grande importância para o estudante em formação na área de licenciatura. Evidenciamos, também, o quanto se faz necessário que este tipo de intervenção seja construída de forma a somar com a educação já proposta pelo ambiente de ensino (no caso a Escola colaboradora) e com o professor atuante da disciplina na qual o estagiário coloca em prática sua *Sequência Didática*.

Observamos, durante as aulas dentro da universidade do componente curricular *Estágio Supervisionado IV*, que existe sim certo desconforto tanto por parte dos alunos estagiários quanto pelos professores atuantes das escolas públicas de “concordarem” com essa prática de estágio, haja vista que neste procedimento, o professor atuante “deixa de exercer” a continuidade do seu trabalho para abrir espaço para um professor em formação. Por mais que esta prática seja necessária, sabemos que o alcance de uma boa formação vai além de um plano de aula contado em meses, dias e quantidade de aulas.

Por isso, foi com grande alegria e entusiasmo que recebemos a notícia que naquele período poderíamos aplicar uma oficina numa escola estadual da cidade, sem ter que necessariamente “invadir” a sala de aula de um professor atuante de língua portuguesa. Nomeamos tal intervenção com o nome de *Oficina*, pois foi pensado em conjunto o seguinte procedimento: cada grupo de estagiários teria que elaborar um projeto que envolvesse o ensino de língua, literatura e alguma contrapartida social. Foi também definido que a formação da turma piloto se daria a partir da realização da inscrição por parte dos alunos-colaboradores; estes eram alunos dos turnos da manhã e da tarde, e iriam participar da oficina no período da noite, duas vezes por semana, das 18h30min até as 20h10min.

Foi muito gratificante observar a participação espontânea do alunado, cada um que fazia a inscrição era uma conquista para nós, pois sabemos da profunda importância de se debater questões atuais, principalmente, com relação ao estudo de *Gêneros Sociais*.

O objetivo imbuído na escolha de tal temática social, ou seja, a mulher e suas representações em/na sociedade foi debater sobre as questões de gênero que se manifestam tanto na sociedade (novelas, propagandas, pesquisas, literatura, etc.) quanto no imaginário social (tradições, relações familiares e sociais), buscando sensibilizar os alunos e alunas sobre a importância de tal reflexão para a construção de uma educação mais lúcida e atual, como também, contribuir na visualização de uma sociedade mais igualitária, visando a redução das discriminações e pré-conceitos, hoje, vistas como infundadas.

Mediante tais informações adicionais, pensamos, enquanto pesquisadoras e professoras de língua portuguesa, numa abordagem de ensino de literatura que tomasse o texto como objeto de estudo e o analisasse em suas múltiplas dimensões, como

também, fazendo mediações nas relações que estes podem estabelecer com outros textos, formas de linguagem ou expressões culturais.

Dessa forma, os encaminhamentos metodológicos do projeto apontam para a multiplicidade de textos – literários e não-literários – e outras formas de expressão e contextualização da literatura, que neste caso foi o curta-metragem. Por isso, nos voltamos para a perspectiva dialógica, ou seja, ressaltamos que o contato com o texto literário, seja impresso ou por meio de outros suportes e mídias, torna-se mais significativo à medida que o leitor busca sentidos e relações nos diversos campos do conhecimento.

É evidente a interação que ocorre entre obra e leitor quando o estudante encontra sentido naquilo que lê. Por isso, observamos que o trabalho contextualizado com língua e literatura pode proporcionar ótimos resultados tanto para o alunado - que ganha com aulas mais dinâmicas e atuais - quanto o professor - que observa a efetiva participação e interesse da turma -. Todavia, nessa interação com o texto, faz-se necessária a mediação do professor, de modo a garantir uma leitura compreensiva e a formação de um leitor mais autônomo em outras situações de leitura.

Por fim, acreditamos que na medida em que o aluno e o professor se tornam investigadores, e a sala de aula é vista como um laboratório, certamente haverá uma qualificação maior e resultados mais satisfatórios com relação ao processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, acarretará num aprimoramento mais significativo dos integrantes da realidade educacional.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Mária da Glória. **Literatura: a formação de leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. 3. Ed. São Paulo – Rio de Janeiro : DIFEL.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

COLLING, Ana Maria. **Gênero e cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPURCRS. 2004

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.) **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____, Antonio. **“O direito à literatura”**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades: Ouro sobre azul. 4. ed., 2004, p.169-192

_____, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORTAZAR, Julio. **Alguns Aspectos do Conto**. In: Valise de Cronópio. São Paulo, Perspectiva, 2006. p.147-163.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

LIMA, Andreia Bezerra de. **Manuel Bandeira, cultura popular e escolarização: uma experiência com poemas no 9º ano**. Campina Grande, 2009.136 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11 Ed. – São Paulo: Ática. Coleção Princípios, 2006.

GUERRA, Miriam Darlete Seade. **Reflexões sobre um processo vivido em estágio supervisionado: Dos limites às possibilidades**. 1995. Disponível em internet. <http://www.anped.org.br/23/textos/0839t.PDF>. Acesso em 05 Julho 2011.

KOCK, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNHOZ, Solange. **Pequena grande obra: o curta-metragem nas salas de aula**. Disponível em: http://www.fatecindaibatuba.edu.br/reverte_online/6aedicao/Artigo11.pdf

PEREIRA, Regina Celi Mendes (organizadora). **Ações de linguagem: Da formação à prática.** João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** IN: **Mulher e realidade: mulher e educação.** Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

APÊNDICES

Apêndice A:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COMPONENTE CURRICULAR: Estágio Supervisionado IV
PROFESSORAS: Andréia Lima e Iara Francisca
ESTAGIARIAS: Ana Paula Clemente dos Santos
Janaína Romão Xavier
Thallita Oliveira Gonçalves

SEQUÊNCIA DIDÁTICA REFERENTE À OFICINA DE LEITURA, ESCRITA
E LÍNGUA.

Campina Grande, PB – Abril de 2011.

Definições para a prática da oficina de leitura, escrita e língua – ensino médio.

Grupo:

- Ana Paula Clemente dos Santos
- Janaína Romão Xavier
- Thallita Oliveira Gonçalves

Gêneros:

- Contos (Literatura)
- Curtas (Cinema)
- Resenha Crítica (Produção Final)

Tema:

- Mulher e sociedade: Literatura e Cinema revelando as faces do feminino no mundo atual.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gêneros Textuais: Contos, Curtas e Resenha Crítica

Série: Ensino Médio

Duração: 9 encontros

Objetivos Gerais:

1. Conhecer, interpretar e criticar fontes literárias e cinematográficas (contos e curtas) desenvolvendo no aluno o gosto pela leitura e pela observação de imagens;
2. Reconhecer a presença do *feminino* nos contos e curtas, buscando semelhanças e diferenças que perpassam estes gêneros bem como relacioná-los com o aprendizado a partir dos debates em sala, buscando o diálogo entre a leitura e a realidade em que vivemos;
3. Entender a função social da leitura, da escrita e da oralidade, tanto na questão cotidiana como em sua estrutura gramatical;
4. Reconhecer no ensino da gramática, um auxiliar para o trabalho redacional e para a análise interpretativa de textos;
5. Estimular a expressividade e a criticidade.

Objetivos Específicos:

1. Contribuir para a formação da criticidade e intelectualidade do aluno (base para a produção a escrita final – Resenha Crítica);
2. Formar um leitor fluente e sensível a partir da contemplação realizada em sala de aula;
3. Entender os significados intrínsecos e extrínsecos dos textos seja eles verbais ou não-verbais. Entender a funcionalidade e a definição dos gêneros em análise;
4. Fazê-los perceber as nuances do *feminino*, seja ele na literatura ou na vida social.
5. Apresentar um esboço do panorama social que ronda, ora positivamente, ora negativamente, o universo das mulheres e o desenvolvimento do seu papel social (sempre fazendo um paralelo com o masculino).

6. Desenvolver no aluno a sua expressividade a partir das produções textuais individuais e coletivas desenvolvidas em sala de aula;
7. Compreender a evolução dos movimentos da escrita e a identificação estrutural dos gêneros em questão;
8. Entender e identificar o jogo existente na construção da linguagem para a formação de valores e estéticas sociais.

MATERIAL SELECIONADO

Curtas:

- Anna e Bella – Duração: 7:32 min.
Breve comentário: animação que retrata a relação de duas irmãs que compartilham, na velhice, as vivências afetivas da infância e juventude. Apresentando a afetividade da mulher enquanto “irmã” e enquanto “amante”. Boa discussão sobre os vários papéis sociais da mulher contemporânea.

- Maria Flor – Duração: 2:59 min.
Breve comentário: animação sem diálogo. Com bastante uso de jogo de imagens e cores, em formato “teen”, que trás a tona o “universo meninesco” da adolescente apaixonada junto ao seu diário. Boa discussão sobre a passagem de menina para mulher.

- Para que serve o amor? – Duração: 3:03 min.
Breve comentário: animação sem diálogo. Neste, a música tema toma para si o papel de narrador e retrata a vivência amorosa de um casal que passa por separações e mal-entendidos. Boa discussão sobre a “liberdade” sexual e afetiva contemporânea da mulher e suas escolhas envolvendo o assunto.

- Clocktower – Duração: 2:26 min.
Breve comentário: animação sem diálogo. Singela e emblemática põe em questão a prisão (metaforicamente) da mulher em seu tempo e espaço. Revelando uma menina bailarina que faz girar “um mundo imaginário”, trancada e dançando sempre dentro do relógio de uma torre. Mesmo tendo a liberdade de sair quando quiser, ela está trancafiada, pois, o mundo só se apresenta belo enquanto ela dança, quando ela sai da torre, o mundo para e perde as cores. Boa discussão a respeito do passado e presente papel da mulher em suas diferentes escolhas.

- A invenção do amor – Duração: 9:45 min.

Breve comentário: animação que expõe a relação amorosa entre um homem e uma mulher com perspectivas distintas. Boa discussão sobre o histórico de “submissão” do feminino frente à realização amorosa.

- 3 minutos – Duração: 5:46 min.

Breve comentário: Curta sob o formato de monólogo demonstra a solidão de uma mulher já adulta que mora sozinha num trailer. Numa ambientação rica em detalhes que revela a tentativa de “fuga” e de transformação do tempo por parte dessa mulher, o curta torna-se um artefato muito bom na discussão e reflexão da construção do feminino e suas escolhas perante a sociedade e a vida pessoal.

- Cartão Vermelho – Duração: 14:30 min.

Breve comentário: Curta de animação. Fernanda gosta de jogar futebol com os meninos. Joga bem, dribla, faz gol. Mas, para essa moleca de 12 anos, o apogeu de sua intimidade com a bola é fazê-la voar reta, direta, até “o saco” dos meninos. Então, ela sorri. Certo dia, ela chega correndo para o bate-bola, atrasada, mas não encontra ninguém. Os meninos estão no esconderijo. Fernanda sabe onde é, mas nem imagina o que eles tramam. Boa discussão sobre os universos femininos e masculinos juntos e construção de identidades e gêneros.

- Desventuras de um dia... – Duração: 10:09 min.

Breve comentário: Logo cedo, trânsito e preocupações ocupam os pensamentos de Luiza. Mal começa a trabalhar e já se encontra envolvida nas situações cotidianas que a irritam e entediam. Assim passa o seu dia, tentando cumprir o fluxo de trabalho e assumindo elementos metafóricos de seus sentimentos em cada momento. Boa discussão sobre a “construção” da mulher moderna: que trabalha, estuda, é casada e MULHER.

Contos:

- Primeiro Beijo: Clarice Lispector
- As Cerejas: Lygia Fagundes Telles

- O Pai: Helena Parente Cunha

Texto Informativo:

- Por que discutir gênero? Alessandra Terrible (Movimento Social Kizomba)